

## FLAVIA MAXIMA FAVSTA AVGVSTA: possibilidades e limites de uma biografia histórica

Diogo Pereira da Silva \*

SILVA, D.P. FLAVIA MAXIMA FAVSTA AVGVSTA: possibilidades e limites de uma biografia histórica. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 20: 277-292, 2010.

**Resumo:** Este artigo tem por objetivo analisar os limites e as possibilidades da biografia histórica para o estudo da História Antiga. Este tipo de análise será desenvolvido a partir do estudo da biografia de Flávia Máxima Fausta Augusta, esposa do imperador romano Constantino I (306-337). Nosso objetivo principal é, pois, estabelecer uma relação entre indivíduo, figuração social e práticas sociais.

**Palavras-chave:** Baixo Império Romano – Biografia histórica – Constantino – Fausta.

### 1. Biografia histórica: uma possibilidade

Poucos gêneros literários são tão duradouros na tradição historiográfica do Ocidente como a biografia. Intrinsecamente ligado à escrita da história, seja com finalidades morais, seja com intuitos anedóticos ou epidícticos, o gênero biográfico encontrou seu espaço como um registro capaz de perpetuar a memória de certos personagens cuidadosamente escolhidos, os *exempla*.

Entretanto, o lugar privilegiado que outrora a biografia histórica desfrutava entre os histori-

adores foi eclipsado durante a maior parte do século XX, devido à forte influência no campo historiográfico que detiveram os historiadores vinculados à revista francesa *Annales*. Os programas historiográficos defendidos pelo grupo dos *Annales* repudiavam esse tipo de narrativa marcadamente individual, conjuntural, preocupada com eventos políticos – palcos da ação dos grandes homens. Taxado de *évènementiel*, o gênero biográfico – primo da história política praticada no século XIX – foi abandonado em favor dos romancistas, com algumas exceções honrosas<sup>1</sup> (Chaussinard-Nogaret 1993: 95-96; Le Goff 2002: 20; Levi 1989: 1326).

Diluído nas grandes estruturas, nos ciclos, nas séries demográficas e econômicas, o

(\*) Universidade Salgado de Oliveira (Niterói/RJ).  
Doutorando em História Comparada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e Pesquisador do Laboratório de História Antiga da Universidade Federal do Rio de Janeiro (LHIA/UFRJ). <diogo\_hist@yahoo.com.br>

(1) Em especial os estudos biográficos desenvolvidos por Lucien Febvre sobre Rabelais (2009) e Lutero (1994).

indivíduo – foco da narrativa biográfica – se tornou um objeto pouco visitado pelos historiadores considerados expoentes desse movimento de renovação historiográfica francesa. Bastanos, a guisa de exemplo, elencar as teses de doutoramento de Fernand Braudel – *La Méditerranée et le Monde Méditerranéen à l'Époque de Philippe II* (defendida em 1947) – e de Pierre Chaunu – *Séville et l'Atlantique* (defendida em 1954) –, nas quais os indivíduos acabaram por ser submergidos nas águas do Mediterrâneo e do Atlântico frente à interdisciplinaridade (geográfica, demografia, economia...) e às problemáticas estruturais próprias de cada estudo (Braudel 1986; Chaunu 1959).

Saída do ostracismo – no que concerne à produção historiográfica francesa –, a biografia histórica voltou a ser objeto de questionamentos, principalmente após o *tournant critique* anunciado pelos *Annales*, em 1988. Esta “virada crítica”, que demonstrou abertamente a grande perda de terreno da historiografia francesa – em especial, a produção do grupo dos *Annales* – no mundo, apresentou-se como um diagnóstico dos avanços, no campo historiográfico de estudos relacionados à Micro-História italiana, dos *cultural studies* e dos *cases studies*, entre outros. Além, é claro, da polêmica em torno do narrativismo, das fronteiras entre verdade e ficção, literatura e história etc.

Este *tournant critique* encontrou-se profundamente relacionado à “crise geral das Ciências Sociais”, consequência da crise dos sistemas globais de interpretação, dos paradigmas dominantes (marxismo, estruturalismos...), do “fim das ideologias” e da entrada na chamada “Era pós-Moderna” ou “pós-estruturalista”.

No corpo dessa “crise geral” observamos o ressurgimento dos indivíduos, dos estudos culturais sobre as identidades, os movimentos que destoam das antigas leis sociológicas, do estudo das práticas sociais, das subversões de estratégias, dentre outros objetos passíveis de análise pelos historiadores.

Com o *tournant critique*, e com o diálogo profícuo estabelecido entre os historiadores com a sociologia, especialmente de Norbert Elias (1994; 2006) e Pierre Bourdieu (2007), a

biografia foi trazida novamente para as reflexões sobre a escrita da História.

Contudo, a biografia histórica não seria mais o arrolamento fastidioso de anedotas e datas, sendo estas permeadas por uma trama narrativa composta de elementos criados a fim de prover coesão aos fatos históricos, nos quais determinado personagem considerado “o Grande”, “o Pio” ou “o Magnífico” tomou parte. Por seu lado, a biografia histórica levantaria questionamentos acerca das relações de interdependência entre os indivíduos, sobre as redes sociais, sobre os conflitos de representação nos múltiplos campos da sociedade. As preocupações se deslocaram das ações – fatos históricos – para as práticas – as escolhas individuais condicionadas, em especial a partir das reflexões sobre o *habitus*, em Elias e Bourdieu, dos estudos de Michel de Certeau (1994, 2007), Roger Chartier (1989) e da *microstoria italiana* (Levi 2000; Guinzburg 1987).

Dessa forma, a biografia histórica se apresenta como “o lugar ideal aonde experimentar a validade de hipóteses científicas relativas às práticas e ao funcionamento efetivo das leis e regras sociais” (Levi 1989: 1325).

Essa reavaliação do gênero biográfico à luz das reflexões metodológicas da historiografia contemporânea nos leva, por conseguinte, a estabelecer os relacionamentos interdisciplinares, a discutir os “jogos de escalas”, as relações entre as normas sociais e as práticas individuais e os limites da liberdade e da racionalidade do ser humano – não mais visto como um *rational actor* (Drake 2000: 24-25).

A revalorização do indivíduo posta em prática principalmente pelos leitores de Elias e Bourdieu apresentou-se, deste modo, central para o final do “eclipse da biografia histórica”. O indivíduo, não mais diluído nas estruturas, emerge como capaz de estabelecer uma série infinita de relações sociais, em múltiplas e diversas figurações sociais<sup>2</sup> com as quais pode entrar em contacto.

(2) No que se refere ao conceito *figuração social*, remetemos o leitor à definição exposta de forma sucinta e brilhante por Norbert Elias (2006: 25-27).

Em outras palavras, o que se coloca nesta revalorização da biografia histórica não é a inversão da equação anterior, não se trata de valorizar pura e simplesmente o indivíduo em favor das estruturas sociais. Mas, dentro do enfoque da sociologia das redes sociais – e, neste caso, profundamente influenciado por Elias –, ver o indivíduo como um dos componentes da sociedade ou, como explicou este grande sociólogo já em 1939, retomando uma metáfora aristotélica:

“(…) não se pode compreender a estrutura da casa inteira pela contemplação isolada de cada uma das pedras que a compõem. Tampouco se pode compreendê-la pensando na casa como uma unidade somatória, uma acumulação de pedras” (Elias 1994: 16).

Observa-se, então, que o indivíduo não existe fora das figurações sociais que lhe dão sentido. A formação de sua identidade e seu sentimento de pertença a determinado grupo/sociedade se cultivam em torno de categorias como o *habitus*, a partir dos diálogos entre os indivíduos e a sociedade, a progressiva formação “de si”, aquilo que Elias denominou de *processo civilizador*. Dentro da linha de raciocínio de Elias (2006: 21):

“O processo universal de civilização individual pertence tanto às condições de individualização do ser humano singular como às condições da vida social em comum dos seres humanos”.

Desse modo, devemos analisar o sujeito como construtor de si mesmo e de sua época, sendo nesse processo construído por ela. Sendo que, como disse Le Goff, “essa construção é feita de acasos, de hesitações, de escolhas” (2002: 23).

Assim, os delineamentos metodológicos tomados pela biografia histórica, desde finais do século passado, visam privilegiar pesquisas cujas interrogações principais girem em torno da “amplitude real da liberdade de escolha [de cada indivíduo]” (Levi 1989: 1334).

Para Giovanni Levi:

“[a] liberdade não é absoluta: é culturalmente e socialmente determinada, limitada, pacientemente conquistada. Existindo, todavia, uma liberdade consciente que os interstícios inerentes aos sistemas gerais de normas deixam aos atores. Nenhum sistema normativo é, de fato, tão estruturado a ponto de eliminar toda possibilidade de escolha consciente, de manipulação ou de interpretação das regras, de negociação” (Levi 1989: 1334).

Detenhamo-nos nesta perspectiva, assumindo que há uma relação permanente e recíproca entre a biografia e o contexto, entre as normas sociais características de cada figuração social e seu funcionamento efetivo. Devemos analisar as práticas sociais, não apenas como referenciadas por modelos, mas – e acima de tudo – examinar as incoerências estruturais inevitáveis entre o funcionamento ideal das normas e as diversas práticas levadas a efeito pelos indivíduos.

Por conseguinte, evitamos abordar a realidade histórica a partir de explicações monocausais e lineares (Le Goff 2002: 20-30) – conduzidas, em grande parte, por uma leitura acrítica da documentação – ou a partir de esquemas únicos de ações e reações (Levi 1989: 1334). Por outro lado, lançamos no foco da análise os interstícios das repartições de poder, as margens de manobra dos indivíduos que formam as figurações sociais, as práticas e as estratégias.

Assim, a biografia histórica se coloca como mais uma possibilidade para a escrita da História. Talvez seja a forma que melhor nos confronta com os contextos, os interstícios e as práticas, pois, como afirmou Jacques Le Goff (2002: 21):

“Ora, que objeto mais e melhor que uma personagem cristaliza em torno de si o conjunto de seu meio e o conjunto dos domínios que o historiador traça no campo do saber histórico?”

Partindo desta *possibilidade*, temos por objetivo escrever uma biografia de Flávia

*Máxima Fausta Augusta*, filha, esposa e mãe de imperadores. Para esta *operação histórico-biográfica* partiremos de três perguntas fundamentais: (1) qual o contexto no qual Fausta viveu? (2) qual o papel de uma princesa no Baixo Império Romano? (3) foi sua “margem de manobra” a causadora de sua morte violenta?

## 2. As mulheres da casa imperial

O processo de configuração do sistema político imperial na sociedade romana trouxe consigo uma ênfase na presença feminina em assuntos públicos. Entretanto, esta presença se dava de forma oculta, sendo privilégio das mulheres vinculadas à casa imperial ou às elites locais. Nesse sistema político, os imperadores estavam no centro do jogo político, e suas esposas e filhas ocupavam posições importantes para a manutenção e, principalmente, para perpetuação da casa imperial.

Com o desenvolvimento de concepções dinásticas acerca do poder imperial – ainda que para o caso do *Principado* (27 a.C. - 235) estas não tenham sido formalmente instituídas –, as esposas dos imperadores acabaram por assumir posições públicas que contrastavam com as antigas concepções políticas romanas, as quais afastavam oficialmente as mulheres das atividades políticas.

Assim, observamos no período do *Principado* vários exemplos de imperatrizes que tiraram proveito da proximidade com o centro do poder para conseguir privilégios e favores, além de se imiscuírem diretamente no jogo político, como nos casos de Livia (58 a.C. - 29), esposa de Otávio Augusto (imperador entre 27 a.C. - 14), e Júlia Domna (170 - 217), esposa de Septímio Severo (imperador entre 193 - 211).

Durante todo o período imperial, a imperatriz não tinha um papel oficialmente definido, mas, por seu lado, ela assumia vários papéis públicos de relevância. Principalmente, cabia à esposa do imperador acompanhá-lo em diversas solenidades religiosas, oferecer recepções a senadores – e, no Baixo Império, também a bispos –, além de ser, muitas vezes, a confidente mais próxima ao governante.

A casa imperial era um espaço tanto público, enquanto moradia do soberano, quanto privado, já que nele residiam os membros da família imperial. Como nos lembra Mary Nash (1982: 32), a esfera privada pertencia às mulheres, desse modo, da quase impossibilidade da separação entre o espaço público e o privado na casa imperial provinha a possibilidade da presença ativa das mulheres nos assuntos que diziam respeito ao jogo político imperial.

No período imperial, as mulheres ligadas aos governantes não mais se encontravam tão distantes dos centros de ação política quanto as mulheres republicanas. Em termos concretos, na formação da casa imperial e na consolidação de uma sucessão dinástica, as mulheres ocupavam uma posição de destaque, devido ao papel das filhas dos imperadores como elemento de coesão familiar. Isto lhes garantia uma presença proeminente nas questões sucessórias.

A consolidação da sucessão dinástica só se tornou fato consumado no Baixo Império Romano. Nesse contexto, as mulheres proveram importantes ligações matrimoniais capazes de legitimar a posição dos imperadores e de aspirantes à dignidade imperatária.

Apenas para exemplificar, o sangue dos descendentes de Constâncio Cloro (imperador entre 293 - 306) – pai de Constantino (imperador entre 306 - 337) – manteve-se no poder para além da morte dos descendentes diretos de Constantino, sendo possível mapeá-los até a dinastia dos Teodosianos, sob o nome de Valentiniano III (imperador entre 425 - 455).

Desta forma, as imperatrizes proveram importantes ligações para legitimar a autoridade dos imperadores; e, como estas mulheres nasceram, cresceram e viveram entre as políticas e intrigas imperiais, elas eram naturalmente conhecedoras íntimas dos assuntos imperiais.

Detendo-nos apenas na Dinastia dos Constantinianos (306 - 363), muitas delas influenciaram vários aspectos das políticas desses imperadores. Helena – mãe de Constantino – representou um papel decisivo ao estimular a construção de igrejas na Terra Santa, além de alcançar eminência em seu papel simbólico como rainha-mãe, sendo sua

imagem relacionada à segurança da *Res publica*, conforme repetidas cunhagens emitidas entre os anos de 324 e 330.<sup>3</sup> Constância, após ajudar a colocar um ponto final no conflito entre seu irmão Constantino e seu esposo Licínio (imperador entre 308 - 324), representou também um importante papel nas relações entre Constantino e os bispos. Constantina – filha de Constantino e Fausta – serviu como uma esposa dinástica para os príncipes Anibaliano e Galo, além de também apresentar uma atividade construtora de basílicas cristãs e ter um papel importante na vitória de Constâncio II (imperador entre 337 e 361) contra o usurpador Magnêncio (imperador entre 350 - 353).

Helena a Jovem, outra filha de Constantino e Fausta, foi também empregada no fortalecimento de laços dinásticos, se casando com Juliano (361 - 363). E a mais nova das descendentes de Constantino, Justina, não somente levou o sangue da dinastia para o século V, como também teve um importante papel nas políticas eclesíásticas do imperador Valentiniano II.

Por seu lado, a política de casamentos endogâmicos não foi uma criação da dinastia dos constantinianos, pois, como tivemos oportunidade de analisar em outro trabalho,<sup>4</sup> já no período tetrárquico os casamentos endogâmicos

(3) RIC VII - Arles 278, 299, 317, 324, 328, 329; Trier 458, 435, 508; Lyon 234; Roma 270. 291; Ticinum 177, 183, 190, 202; Sirmium 54, 60; Siscia 187, 196, 218; Cysicus 28, 39, 54; Tessalônica 134, 149, 159; Heraclea 85, 89, 95, 109; Nicomédia 79, 80, 95, 129, 159; Constantinopla: 11; Antioquia 67; Alexandria 38, 48. As cunhagens de Helena Augusta oscilam entre os graus de raridade  $r^3$  e  $r^4$ , tendo sido difundidas por todo o Império Romano. O grau de raridade de uma moeda varia entre  $c^3$  e  $r^5$ , representando a quantidade de exemplares conhecidos de cada tipo de moeda, segundo o quadro abaixo (Bruun 1966: xix):

$r^5$	Único exemplar	
$r^4$	2-3 moedas conhecidas	
$r^3$	4-6 “	
$r^2$	7-10 “	
$r^1$	11-15	“
$s$	16-21	“
$c^1$	22-30	“
$c^2$	31-40	“
$c^3$	41 - “	

(4) Para mais informações sobre os fundamentos que legitimavam o sistema político da Tetrarquia, ver Silva 2007.

serviram seja para cimentar a relação entre os tetrarcas, seja como forma de apontar os futuros herdeiros da *gens Valeria*,<sup>5</sup> dentro do arranjo tetrárquico de 293.

Concordamos com Sarah Pomeroy (1987: 11) quando afirma que os estudos no campo da História Antiga tem sido basicamente uma análise dos grupos dominantes, pois este é o estrato social do qual temos o maior número de informações. Deste modo, as mulheres das quais temos melhor conhecimento são as que pertenciam ou estavam associadas a essa elite. A maior parte das informações de mulheres é sobre aquelas que ficaram conhecidas e que foram usadas como *exempla* por suas ações consideradas boas ou ruins.

Podemos afirmar com segurança que as mulheres na documentação escrita foram retratadas em situações que ofereceram fortes subsídios para a história moralizante. Geralmente, encontravam-se em situações como adultérios, estupros e conjuras. Torna-se fundamental para analisar tal e qual aparição como benéfica ou não ao Império Romano, qual imperador era prejudicado ou ajudado quando elas “interferiam”.

Outro ponto importante para analisar o papel das mulheres da casa imperial são as honras que elas receberam, tanto vivas quanto após a morte. Como afirma Sarah Pomeroy, vivas ou mortas, o propósito principal de se honrar as mulheres era exaltar os homens dos quais elas haviam sido mães, esposas ou irmãs (Pomeroy 1987: 206). A função mais ressaltada das mulheres era a de mediadora entre as facções masculinas, pois como não podiam assumir cargos realmente políticos, as mulheres imperiais se viram obrigadas, na maior parte das vezes, a exercer sua influência através de seus filhos e maridos (Pomeroy 1987: 209-211). Assim, as mulheres que conhecemos um pouco melhor são aquelas que conseguiram ter influência em assuntos de interesse para os homens (Pomeroy 1987: 252).

(5) Nome da Casa Imperial criada por Diocleciano (imperador entre 284-306), na qual estavam inscritos os membros do sistema político da Tetrarquia.

Por conseguinte, na sociedade romana imperial, as mulheres – principalmente as da casa imperial – foram muito mais do que “pessoas sem voz e ação”. Por isso, cada vez mais é necessário aliar à crítica da documentação escrita a análise de epígrafas e das representações do feminino, que aparecem em peças da cultura material romana (Mossé 1993: 999), na tentativa de nos aproximarmos mais e melhor dessas imagens femininas.

### 3. Flávia Máxima Fausta Augusta, uma biografia histórica

Consequentemente, é deste modo que analisaremos a imagem Flávia Máxima Fausta Augusta (c. 296 - 326), a segunda esposa do imperador Constantino I, filha do tetrarca Maximiano Herculêo (imperador entre 285 - 305 e 306 - 310), irmã de Maxêncio (imperador entre 306 - 312) e mãe dos imperadores Constantino II (imperador entre 337 - 340), Constâncio II (imperador entre 337 - 361) e Constante (imperador entre 337 - 350). Uma mulher que sempre esteve próxima aos círculos de poder e cujas participações se deram em momentos-chave da política imperial constantiniana.

Filha do tetrarca Maximiano Herculêo e de Eutrópia, Fausta nasceu e foi criada na cidade de Roma (Juliano, *Discursos* 1,5c), possivelmente com Maxêncio, seu irmão mais velho, na *villa publica*, localizada cerca de seis milhas da *Vrbs*, na Via Labicana (Eutrópio X 2,3; Pseudo-Aurélio Victor, *Epitome* XL,2). Atribui-se a data de seu nascimento entre os anos 289 - 290, pois um panegirista, ao descrever uma pintura, afirmou que Fausta ainda era uma pequena criança quando entregou um presente a Constantino (*Panegíricos Latinos* VII 6,2) na véspera de seu casamento com Minervina, o qual ocorreu em 296.

A entrada de Fausta na vida pública se deu com seu casamento com Constantino, em março de 307, quando tinha, possivelmente, 17 anos. Esta cerimônia ocorreu num período politicamente confuso, marcado inicialmente pela morte prematura do Augusto Constâncio Cloro (em meados de 306), a qual desencadeou a ruptura do arranjo político da Segunda Tetrarquia.

Em menos de um ano, Constantino foi aclamado imperador pelas tropas de seu pai em *Eburacum* (York), a 25 de julho de 306 (Lactâncio, *Sobre a morte...* XXIV, 8; Anônimo Valesiano 2,4; *Panegíricos Latinos* VI 5,3; VII 2,3; VII 7,4); e a 28 de outubro, em Roma, Maxêncio foi proclamado *princeps*, o que foi seguido pelo retorno de Maximiano Herculêo ao cenário político.

Deste modo, houve o rompimento da legalidade do arranjo tetrárquico de 305, o qual previa dois Augustos – Galério Maximiano (imperador entre 293 - 311) e Constâncio –, dois Césares – Maximino Daia (imperador entre 306 - 313) e Severo (imperador entre 306 - 307)–, e dois Augustos Seniores – Diocleciano e Maximiano Herculêo –, os quais abdicaram do *imperium* em 1º de maio de 305.

Segundo o testemunho contemporâneo do retor cristão Lactâncio (*Sobre a morte...* XX, 1-5), o esquema organizado por Galério de antemão já previa a morte Constâncio – devido à sua saúde frágil – e sua substituição na dignidade de Augusto por Licínio, antigo companheiro de armas de Galério. Dessa forma, a aclamação de Constantino (*Panegíricos Latinos* VI 5,3; VII 2,3; VII 7,4; Anônimo Valesiano 2,4; Lactâncio, *Sobre a morte...* XXIV, 2-8), seguida pela de Maxêncio (Lactâncio, *Sobre a morte...* XXIII, 1; XXIV, 1-3; Pseudo-Aurélio Victor, *Epitome* XL, 5; Anônimo Valesiano 3,6; Zósimo, *História Nova* II 9,1) e o retorno de Maximiano Herculêo (Lactâncio, *Sobre a morte...* XVIII, 9; XXVI, 6-7; Anônimo Valesiano 3,6; 4,10; Pseudo-Aurélio Victor, *Epitome* XL, 5; Eutrópio IX 2,3) acabaram por frustrar, em curto prazo, os planos de Galério.

Em represália aos acontecimentos ocorridos na Península Itálica, Galério enviou Severo – então elevado à dignidade de Augusto – para combater a Maximiano Herculêo e Maxêncio (Lactâncio, *Sobre a morte...* XXVI, 5; Zósimo, *História Nova* II 10, 1). Esta campanha foi levada a cabo no início do ano de 307, sendo um estrondoso fracasso, coroado com a prisão e morte de Severo na cidade de Ravena (Lactâncio, *Sobre a morte...* XXVI, 8-10; Zósimo, *História Nova* II 10,1-2; Anônimo Valesiano 4, 10; Pseudo-Aurélio Victor, *Epitome* XL, 3). Os problemas enfrentados por Severo variaram desde o

suborno das tropas, efetuado por Maxêncio, até a mudança de lealdade, pois os soldados comandados por ele eram das antigas hostes de Maximiano Herculéu e, ante o retorno de seu antigo general, não hesitaram em abandonar seu novo comandante.

Após a derrota de Severo, Maximiano Herculéu reorganizou as defesas de Roma, fortificando-as. Logo em seguida, possivelmente em abril de 307, ele seguiu para a Gália – para Arles ou Lyon –, onde ofereceu a mão de sua filha Fausta em casamento para Constantino. Este matrimônio, inserido no contexto da iminente invasão de Galério à Itália, deve ser analisado como uma estratégia de Maximiano para fortalecer sua posição frente à Galério. Em contrapartida, Constantino era reconhecido em sua dignidade de Augusto<sup>6</sup> e como membro da dinastia Herculéu, como pode ser entrevisto nas múltiplas passagens do panegírico que foi pronunciado na cerimônia (*Panegíricos Latinos* VI 1, 1-5; 2,5; 8,1; 14, 3-7), consolidando sua posição como legítimo governante nas Gálias e na Bretanha.

Assim sendo, o *début* de Fausta se deu a partir de um acordo firmado entre seu pai e Constantino. No discurso oferecido por ocasião das bodas, esta cerimônia foi apresentada como um casamento divino que faria eterna a descendência de Hércules no comando da *Res publica* (*Panegíricos Latinos* VII 1, 1-2,5). Poucas dúvidas restam que Minervina já estivesse morta, pois o panegirista falou abertamente da temperança de espírito de Constantino que logo se casou por “não admitir em teu sagrado coração nenhum dos prazeres que se concedem a esta idade, antes quiseste o milagre inaudito de um homem jovem vinculado a uma esposa” (*Panegíricos Latinos* VII 4,1). Prática comum no Baixo Império Romano, o casamento, o mais cedo possível, de jovens púberes dos grupos dominantes tinha por objetivo “controlar,

graças a uma vida conjugal lícita, as tensões explosivas da atração sexual”, conforme salienta Peter Brown (1989: 255). Dessa maneira, Constantino se punha dentro das práticas consideradas ideais para um jovem pertencente aos grupos dominantes romanos tardo-imperiais.

A única descrição direta sobre Fausta, no panegírico, teve lugar quando da enumeração dos elementos de um afresco pertencente à residência imperial de Aquilêia, no qual o panegirista percebeu a *divina inteligência* de Maximiano Herculéu – mentor do afresco – que já havia pressentido o amor e vaticinado a união entre sua filha e Constantino.

“Isto é, ouvi dizer, o que significa aquele afresco do palácio de Aquilêia, exposto precisamente à vista dos convidados, no qual uma menininha cuja divina beleza já impunha respeito, mas incapaz ainda de levar seu peso, sustém em suas mãos e te oferece, a ti, Constantino, então jovem, um elmo reluzente de ouro e pedras preciosas, com uma crista de plumas de uma belíssima ave, presente de casamento destinado, como não poderia fazer nenhum adorno da vestimenta, a realçar tua beleza” (*Panegíricos Latinos* VII 6,2).

Lugar comum na literatura encomiástica, a beleza é acentuada por ser uma característica da perfeição divina que se faz imanente na sociedade romana, da mesma forma têm-se as plumas de ave belíssima. Essas plumas encimavam um elmo – este sendo o símbolo da proteção, da virtude guerreira – feito de ouro e pedrarias, adquirindo uma resplandecência própria da cabeça dos homens divinos, nos quais as luzes a cingiam como um nimbo. Esta imagem foi difundida na linguagem dos panegíricos da época da Tetrarquia (*Panegíricos Latinos* II 3,2) e, posteriormente, na numismática constantiniana.<sup>7</sup>

(6) Após 25 de julho de 306, Constantino começou a cunhar moedas nas quais era apresentado como Augusto. Deste período são as inúmeras cunhagens hercúleas, as quais desaparecem após 310.

(7) RIC VII - *Ticinum* 37, 38, 41, 59 (cunhadas entre 315-316); *Tessalônica* 204 (cunhada em 335); *Constantinopla* 44, 45 (cunhadas em 330), 88, 89 (cunhadas entre 335-336).

Uma das questões mais interessantes presentes nesse discurso laudatório é a total ausência de menções seja a Maxêncio, seja a Galério, cujo atrito era o principal motivo deste enlace matrimonial.

Da época das bodas, data-se a primeira emissão monetária com a efigie de Fausta. Uma peça de prata, de óbvia importância, foi cunhada no nome de Fausta como *Nobilissimae Feminae*, e tem em seu reverso a legenda *Venus Felix*, com a deusa da fertilidade exibindo um *orbis terrarum* – símbolo de poder – e uma palma – símbolo da vitória<sup>8</sup> (MOEDA 1).



- **Datação:** Trier, c.307-308. AR / *Argentus*
- **Anverso:** Fausta com cabelos ondulados e presos à direita.
- **Legenda:** FAVSTAE NOBILISSIMAE FEMINAE
- **Tradução:** Fausta Nobilíssima Mulher
- **Reverso:** Vênus sentada à esquerda, segurando o *orbis terrarum* (direita) e a palma (esquerda).
- **Exergo:** TR
- **Legenda:** VENVS FELIX
- **Tradução:** Vênus Feliz
- **Bibliografia:** RIC VI, Trier 756.
- **Escala:** 3:1

Num período pouco posterior ao casamento de Fausta e Constantino, como era imaginado, Galério Maximiano invadiu a Itália com um grande contingente, visando a restabelecer tais territórios ao *patrimonium* imperial. Contudo, sua campanha soçobrou frente às fortificações erguidas pelo experiente Maximiano Hercúleo, e novamente ante as riquezas oferecidas por Maxêncio. Devido a isto, Galério, temendo o mesmo final que o de Severo, permitiu a pilhagem do território italiano durante a retirada de seus contingentes, o que gerou fortes críticas por parte de Lactância, que o comparou a um bárbaro a saquear o território romano.

“Deste modo, o que antes era imperador romano, agora convertido em devastador da Itália, retornou a seus territórios após haver assolado tudo, como se tratasse de um território inimigo. E não era de estranhar, pois em outro tempo, quando recebeu o título de imperador, se declarou inimigo do nome romano, cuja denominação queria mudar, de modo que o Império não se chamaria mais Romano, mas Dácio” (Lactância, *Sobre a Morte...* XXVII, 7-8).

Não obstante os triunfos conquistados, o retorno de Maximiano Hercúleo à Itália foi marcado pelo estremecimento de suas relações com Maxêncio, o qual se arrogava fonte da legitimidade de seu pai (Lactância, *Sobre a morte...* XXVII, 5-7; XXVIII, 1-2). O atrito evoluiu para uma tentativa de golpe de Maximiano contra o próprio filho, no primeiro quartel de 308, que ocorreu durante uma *adlocutio* ao exército reunido em Roma: Maximiano responsabilizou Maxêncio por todos os males que estavam ocorrendo à *Res publica*,<sup>9</sup> em seguida arrancou-lhe o manto púrpura dos ombros. Maxêncio correu à tribuna e conseguiu angariar o apoio das hostes militares – muito possivelmente através de compensações monetárias –, que expulsaram Maximiano de Roma (Lactância, *Sobre a morte...* XXVIII, 3-4).

Posto em fuga, o ancião encontrou refúgio junto à corte de Constantino, em Trier, capital imperial que ficava próxima à agitada fronteira renana. Em novembro do mesmo ano, seguiu para *Carnuntum*, na Panônia, onde se realizou uma reunião patrocinada por Galério, que pretendia reorganizar o sistema tetrárquico. Para tal intento, Galério persuadiu Diocleciano a voltar à vida pública, como forma de conferir autoridade ao rearranjo imperial proposto.

Dentre as disposições da chamada *Conferência de Carnuntum* houve a nova abdicação de Maximiano – que se tornou um *priuatus* na corte de Constantino (Lactância, *Sobre a morte...* XXIX, 1-2; Anônimo Valesiano 3,8; 6,13; Pseudo-Aurélius Victor, *Epitome* XL, 8-9; Eutrópio X,

(8) RIC VI - Trier 756.

(9) Possivelmente derivados da devastação causada pela retirada de Galério no ano anterior.



3,3; 4,1; *Panegíricos Latinos* VI, 14,6 ; 15,1) – e a elevação de Licínio à dignidade de Augusto, no lugar de Severo. Além disso, houve invectivas contrárias às reivindicações de Maxêncio e seu repúdio como um inimigo da *Res publica*. De uma forma geral, a conferência foi um sucesso, pois garantiu a estabilidade por três anos, até a morte de Galério e o rompimento definitivo do arranjo político da Tetrarquia, em 311.

Nesses anos, Fausta vivia na corte de Trier, enquanto Constantino se via envolvido em constantes conflitos com populações germanas do *limes* renano, conforme atestam as emissões monetárias e as descrições oferecidas pelos panegiristas.

Em 309, Maximiano Hercúleo, então membro da corte de Constantino, se aproveitou do contínuo envolvimento deste imperador com a defesa do *limes*. No sul da Gália, em Arles, proclamou-se novamente Augusto (pela terceira vez) e se apropriou do erário imperial como forma de angariar apoio militar. Ao ser informado dos acontecimentos, Constantino avançou lepidamente para o sul da Gália, encontrando seu sogro em Marselha. Este novamente se encontrou privado do poder, sendo enviado para Trier sem quaisquer punições (Lactâncio, *Sobre a morte...* XXIX, 3-8; *Panegíricos Latinos* VII 16,1-2; 18,2; 20,1; Eutrópio X, 3). Neste ponto é que Fausta fez sua segunda aparição na documentação escrita. Segundo Lactâncio, em 310, Maximiano estava novamente organizando um *coup d'état* contra Constantino, e desta vez buscou o apoio de sua filha para eliminá-lo. Duas opções se puseram diante de Fausta naquele momento: ou ficava ao lado de seu pai, que se encontrava sem apoio militar na Gália, podendo ser massacrado pelo exército após a conjura, ou ficava ao lado de seu Constantino, garantindo sua própria segurança e a vida de seu esposo, com quem vivia havia três anos em Trier. Dentre estas duas escolhas principais, Fausta preferiu alertar seu esposo sobre o estratagema que havia sido incitada a tomar parte (Lactâncio, *Sobre a morte...* XXX, 1-2; Eutrópio X, 3; Zósimo, *História Nova* II 11,1).

“[Maximiano] Chama a sua filha Fausta e, entre súplicas e lisonjas, trata de induzi-la a trair seu esposo. Promete-lhe casá-la

com outra pessoa de maior status, e lhe pede que fizesse com que o quarto onde dormem ficasse aberto, e que relaxasse a segurança. Ela lhe promete fazer deste modo, mas imediatamente comunica a seu esposo. Prepara-se um estratagema a fim de que o crime fosse descoberto: o imperador se faz substituir por um desprezível eunuco para que este morresse em vez dele.

“Maximiano se levanta à meia noite e vê que tudo está preparado para seu atentado. Os guardas que havia eram poucos e, ademais, estavam distantes. Disse-lhes que havia tido um sonho e que queria contá-lo a seu filho. Penetra com armas em punho e, após matar com uma estocada, começa a dar saltos de alegria orgulhando-se do que havia feito. De repente surge Constantino na parte oposta do cômodo com um pelotão de soldados armados. Foi retirado o cadáver da vítima do cômodo. O homicida, capturado em flagrante, se mantém imóvel e mudo de estupefação, como se fosse ‘dura pederneira ou um bloco de mármore de Marpesia’. Lança-lhe à face seu sacrílego crime. Por último, lhe concede a faculdade de eleger o tipo de morte, e ‘de uma alta viga pende o laço de sua feia morte’ (Lactâncio, *Sobre a morte...* XXX, 1-2).<sup>10</sup>

Novamente, a malícia da mulher se coloca na documentação: Fausta não apenas alerta seu esposo, como engana o próprio pai, provocando sua morte. Os motivos que levaram Fausta a ficar ao lado de Constantino nos conduzem ao cerne dos juízos sobre essa personagem: de um lado teríamos a fidelidade incondicional de uma mulher apaixonada e, de outro, a astúcia de uma mulher ardilosa que não media esforços e meios para se manter no centro do poder político. Seja como for – a Julieta ou a Mrs. MacBeth, de Shakespeare –, percebemos, neste caso, a ação da mulher na casa imperial, um espaço no qual a esfera privada era inseparável do espaço público,

(10) Zósimo (*História Nova* II 11,1), por seu lado, nos diz que Maximiano não foi levado ao suicídio, mas morreu em Tarso de uma enfermidade.

o que acabou por lhe facultar o ingresso em um estratagem que levou à morte seu próprio pai. Por se tratar de uma atuação benéfica a Constantino, os autores antigos (Lactâncio, *Sobre a morte...* XXX, 2-3; Eutrópio X 3; Zósimo, *História Nova* II 11,1) não reprovaram a ação de Fausta, mostrando-a, por seu lado, como uma mulher totalmente fiel a seu esposo, como o fez Lactâncio – um autor cristão e membro da corte de Constantino, na Gália, em meados da década de 310.

A morte de Maximiano não levou, entretanto, ao imediato rompimento de Constantino com a imagem de seu falecido sogro, haja vista que a *damnatio memoriae* de Maximiano Hercúleo – destruição de estátuas, retratos e inscrições – só ocorreu em 312, quando do rompimento entre Constantino e Maxêncio (Lactâncio, *Sobre a morte...* XLII 1; Eusébio, *História Eclesiástica* VIII 13,15). O que não o impediu de reabilitar a imagem de seu falecido sogro, que foi divinizado em 317 conforme atestam as emissões monetárias ao DIVO MAXIMIANO.<sup>11</sup>

Em 311, desenrolou-se toda uma situação política após a morte de Galério, que levou à disputa entre os quatro imperadores restantes: Constantino contra Maxêncio e Licínio contra Maximino Daia. Em seu leito de morte, Galério emitiu, a guisa de palinódia, um edito de tolerância em favor dos cristãos (Lactâncio, *Sobre a morte...* XXXIV). Também conhecido como Edito de Galério, esta lei imperial de 311 garantiu pela primeira vez na história romana a liberdade de culto aos cristãos.

Em 312, a situação política soçobrou. Após a promessa de casamento entre Licínio e Constância, só restou a Maxêncio esperar pela invasão de Constantino à Itália, o que não tardou a acontecer em fins daquele ano. Conhecida como a campanha da conversão de Constantino, a vitória sobre Maxêncio foi exposta pela documentação cristã como o marco da aparição de um sinal divino a Constantino, que não tardou a estabelecer contatos abertos com os bispos cristãos.

Senhor do Ocidente romano, Constantino inicia sua ingerência nos assuntos da Grande Igreja. Sua primeira intervenção, largamente documentada por Optatus de Milevius (autor de meados do século IV), foi na questão donatista que irrompia no Norte da África após o término da perseguição.

Das princesas constantinianas, Fausta é a única que não temos certeza da conversão ao cristianismo. De qualquer forma, Optatus afirma-nos que o Sínodo de Roma ocorreu na casa da imperatriz em Latrão, em 313.

“Após ter lido esta carta, Constantino respondeu com muita raiva. E neste rescrito ele declarou a importância de suas petições deles [dos bispos donatistas] com palavras:

‘Vós pedis um julgamento meu neste mundo, embora eu mesmo esteja esperando pelo Julgamento de Cristo no próximo’.

Não obstante, ele garantiu-lhes juizes – Materno, da cidade de Colônia; Retício, da cidade de Autun; Marino, de Arles. Estes três bispos da Gália, e quinze outros que eram italianos, chegaram a Roma. Eles se encontraram na Casa de Fausta em Latrão, a dois de outubro, que era uma sexta-feira, no ano em que Constantino pela quarta, e Licínio pela terceira vez, foram cônsules [313]” (Optatus de Milevius I, 23).

No Sínodo de Roma, observamos um dos papéis mais importantes das imperatrizes cristãs, o de oferecer recepções aos bispos. Neste momento em que Constantino pela primeira vez intervinha em problemas eclesiais, a *domus Faustae* foi o lugar escolhido pelo imperador para a reunião de bispos para tentar resolver a questão donatista.

Entre os anos de 313 e 324, não temos nenhum registro escrito sobre Fausta. Este foi o período no qual a historiografia data os sucessivos nascimentos de Constantino II (316), Constância II (317), Constantina (318) e Constante (320), sendo desconhecido o nascimento de Helena, futura esposa de Juliano.

Entre 324 e 326, Fausta assumiu os títulos de Máxima e Augusta, após a vitória de Constantino

(11) RIC VII - Trier 200, 204, 205; Arles 174, 177; Roma 104, 107, 110, 113, 120, 123, 126; Siscia 41, 44; Tessalonica 24. Sobre a reabilitação da imagem de Maximiano Hercúleo, vide Silva 2008.

sobre Licínio e a unificação do *orbis Romanorum* em suas mãos. Ambos os títulos foram decalcados dos de seu esposo, o que conferia a Fausta um prestígio maior que o de Helena, a “rainha-mãe”. Em sua titulatura oficial, Fausta assume o nome FLAVIA MAXIMA FAVSTA AVGVSTA, enquanto Helena assume o nome FLAVIA HELENA AVGVSTA. Em Antioquia, entre 324 e 325, foi cunhada uma série de moedas comemorando a elevação de ambas à dignidade de Augusta, como o seguinte *follis*, que representa a efigie de Fausta com cabelos ondulados e presos, no anverso; e no anverso a titulatura completa da imperatriz (MOEDA 2).



- **Datação:** Antioquia, c.324-325. AE / *Follis*
- **Anverso:** Fausta com cabelos ondulados e presos, gargantilha, manto, à direita.
- Legenda:** inexistente
- **Reverso:** Estrela de oito pontas e um crescente
- **Exergo:** SMANTA
- Legenda:** FLAV MAX FAVSTA AVG
- Desenvolvimento:** *Flav(ia) Max(ima) Fausta Aug(usta)*
- Tradução:** Flávia Máxima Fausta Augusta
- **Bibliografia:** RIC VII, Antioquia 56
- **Escala:** 4:1

Também desse período datam a esmagadora maioria das moedas com a efigie da imperatriz, havendo dois tipos principais de cunhagem. Temos as legendas de reverso SALVS REI PVBLICAE<sup>12</sup> – saúde, salvação, prosperidade da *Res publica* (MOEDA 3) – e SPES REI PVBLICAE<sup>13</sup> – esperança da *Res publica*

(12) RIC VII - Arles 277, 298; Trier 459, 483; Lyon 235; Ticinum 182; Sirmium 55; Nicomédia 77, 78, 96, 130; Constantinopla 12; Antioquia 68; Alexandria 39.

(13) RIC VII - Arles 279, 285, 300; Trier 460, 466, 484; Roma 271, 292, 293, 294; Ticinum 178, 191, 203, 204; Siscia 188, 197; Sirmium 61; Cysicus 29, 40; Tessalónica 137; Heraclea 86; Nicomédia 69a, 97, 131; Antioquia 69; Alexandria 40.

(MOEDA 4). Ambas as legendas têm a mesma imagem de reverso: Fausta com duas crianças pequenas, uma em cada braço.



- **Datação:** Constantinopla, c.325-326. AE / *Follis*
- **Anverso:** Fausta com cabelos ondulados e presos, manto, à direita.
- Legenda:** FLAV MAX FAVSTA AVG
- Desenvolvimento:** *Flav(ia) Max(ima) Fausta Aug(usta)*
- Tradução:** Flávia Máxima Fausta Augusta
- **Reverso:** Fausta de túnica longa, cabelos soltos, de pé à esquerda. Segurando uma criança pequena em cada braço.
- **Exergo:** CONS
- Legenda:** SALVS REI PVBLICAE
- Desenvolvimento:** *Salus Rei publicae*
- Tradução:** Saúde (ou prosperidade) da República
- **Bibliografia:** RIC VII, Constantinopla 12
- **Escala:** 4:1



- **Datação:** Cysicus, c.324-325. AE / *Follis*
- **Anverso:** Fausta com cabelos ondulados e presos, gargantilha, manto, à direita.
- Legenda:** FLAV MAX FAVSTA AVG
- Desenvolvimento:** *Flav(ia) Max(ima) Fausta Aug(usta)*
- Tradução:** Flávia Máxima Fausta Augusta
- **Reverso:** Fausta de túnica longa, cabelos soltos, de pé à esquerda. Segurando uma criança pequena em cada braço.
- **Exergo:** SMKĀ
- Legenda:** SPES REI PVBLICAE
- Desenvolvimento:** *Spes Rei publicae*
- Tradução:** Esperança da República
- **Bibliografia:** RIC VII, Cysicus 29
- **Escala:** 4:1

Numa clara pretensão dinástica, Fausta foi apresentada como a grande matrona que garantia, através de sua prole, a esperança e a prosperidade eterna da *Res publica*. Forja-se, assim, a imagem de uma mãe virtuosa, protetora, condizente com a dignidade ocupada. As representações de Fausta na documentação numismática se relacionam a um período de aprofundamento do princípio dinástico para a transmissão do poder legítimo do imperador aos seus descendentes. Neste contexto, o papel das mulheres é óbvio para a manutenção e perpetuação da dinastia.

Entretanto, essa imagem de mãe virtuosa e protetora subitamente desaparece dos registros numismáticos. Paralelamente, também desaparecem as representações de um jovem general que desponta como o principal herdeiro de Constantino, seu filho Flávio Júlio Crispo. O ano da *Vicennalia* de Constantino assistiu a um dos episódios mais intrigantes de seu reinado. Sem quaisquer motivos precedentes, o imperador ordenou a sucessiva execução de seu primogênito e de sua esposa. Nossas fontes sobre o evento são fluidas e tardias ao acontecimento, posto que Eusébio de Cesaréia nada nos testemunha diretamente sobre o ocorrido e nem toque nos nomes de Fausta e Crispo em sua *Vida de Constantino*.

Temos que recorrer à documentação escrita entre fins do século IV e o século VI. Devido a execução de Crispo ser seguida imediatamente pela execução cruenta de Fausta, as fontes atribuem um cenário próximo ao de Hipólito e Fedra da mitologia grega: quando os desejos amorosos de uma senhora são recusados, ela se vinga do rapaz reclamando ao pai do jovem – que por sua vez é seu esposo – que foi estuprada. Num acesso de ira, o pai do rapaz o executa, mas, em seguida, descobre que era mentira de sua esposa e a mata. Embora pudesse fazer o deleite de dramaturgos, esta cena nos parece muito pouco provável e, em geral, provém de uma leitura pouco cuidadosa da documentação, em especial na análise unilateral das obras históricas, em especial a *História Nova*, de Zósimo.

Zósimo foi um *advocatus fisci* (Fócio de Constantinopla, *Biblioteca* XCVIII) na corte do imperador bizantino Anastácio I (imperador entre 491 - 518). Historiador pagão e anticristão,

Zósimo escreveu sua *História Nova* na época em que estava na corte de Constantinopla (cerca de dois séculos após o reinado de Constantino). Para Zósimo, as execuções de membros da família de Constantino por sua ordem foram a causa principal de sua conversão à fé cristã, pois:

“a doutrina dos cristãos suprimia qualquer erro, e trazia a mensagem segundo a qual os ímpios que tomavam parte nela estariam instantaneamente purificados de qualquer falta” (Zósimo, *História Nova* II 29, 3).

Um dos argumentos que podemos construir para refutar esse cenário se desenvolve em torno de um panegírico de Juliano a Constâncio II, no qual o orador louva as virtudes morais de Fausta (Juliano, *Discursos* I. 9b-d). Como regra própria do gênero laudatório, que se cristalizou principalmente após o período tetrárquico, temos o elogio incondicional do *princeps*. Desta forma, Juliano nunca elencaria esse tópico se ele causasse quaisquer constrangimentos a Constâncio II. Assim, parece-nos lógico afirmar que Fausta não tentou seduzir seu enteado, ou que teve um relacionamento adúltero com Crispo, como afirma Zósimo (*História Nova* II 29,1-3).

Por nosso lado, levantamos outra hipótese, que se constrói a partir da micro-análise do período e da biografia de Fausta. A nosso ver, Fausta desejava eliminar Crispo e, desta forma, deixar o caminho aberto para que apenas seus filhos herdassem o trono. A principal motivação repousaria nos interstícios da figuração da casa imperial e nas práticas sociais estratégicas.

Primeiramente, precisamos recuperar um personagem perdido que pode ser a pista central para elucidarmos a questão, o filho de Licínio e Constância – Licínio César –, também executado em 326. Edward Gibbon, em seu *History of the Decline and Fall of Roman Empire*, argumentou que a esposa de Crispo, também chamada Helena, era filha, por sua vez, de Licínio (Gibbon 1994: 650). Nossas fontes sobre esta Helena são ainda mais escassas que sobre Fausta, sendo a única menção oriunda de uma lei recolhida no *Código*

*Teodosiano*, na qual se atesta o nascimento de um filho deste casal em 322 (*Cód. Teod.* 9.38.1).<sup>14</sup>

Olhando em perspectiva as práticas de aliança entre os governantes comuns ao período tetrárquico, nos parece natural que Constantino e Licínio tenham desejado estreitar seus laços entre 312 - 313, ou após os conflitos de 321 - 322, através de uma união matrimonial entre seus filhos. Isto nos parece razoável e condizente com as práticas do período - como nas uniões entre Constantino e Fausta e Licínio com Constância. Mesmo que essa conexão hipotética seja aceita, alianças matrimoniais não são garantia de segurança, como confirma o próprio caso de Licínio e Constância. Esse foi executado em 325 e, logo em seguida, o foram Licínio II e Crispo, em 326. E, após todos estes, Fausta foi violentamente executada.

Precisamos também recuperar que, entre os anos de 321 e 326, o prestígio de Crispo cresceu de forma estrondosa. O César tomou a frente das campanhas contra os germanos *no-limes* do Reno e foi uma das figuras principais da vitória de Constantino sobre Licínio, em 324, quando liderou uma pequena esquadra que derrotou uma poderosa armada estacionada na Ásia Menor (*Anônimo Valesiano* XXIII). Por seu lado, após a derrota de seu pai, Licínio II foi exilado na cidade de Tessalônica, onde permaneceu até ser executado, em 326.

Se Constantino não matou seu sobrinho Licínio II em 324, por que o mataria em 326? E quanto a Crispo, que estava na Gália, cuja educação havia sido confiada ao retor cristão Lactância, e que aparecia como um sucessor ideal do imperador, por que seria ele executado?

Muito possivelmente, Fausta temia pela segurança de seus filhos, afinal, Crispo era cerca de 15 anos mais velho do que seu segundo

irmão, Constantino II. Além disso, Constantino passou a viver a maior parte do tempo no Oriente, principalmente após o início da construção de Constantinopla, em 325. As províncias orientais foram, por sua vez, governadas por Licínio por catorze anos, o que acabou por garantir aos licinianos uma vasta clientela, que poderia se associar a Licínio II em um golpe, se fossem felizes em obter o apoio de um aliado poderoso como Crispo, governante de fato da parte ocidental do Império Romano.

Estabelecendo um cruzamento na documentação escrita, percebemos uma convergência interessante no relato de Filostórgio (*História Eclesiástica* II, 4) com o de Eusébio de Cesaréia (*Vida de Constantino* I 47,2). Enquanto o primeiro afirma que Constantino foi envenenado por seus irmãos que ficaram chocados com a execução de Crispo, Eusébio relata que membros da família de Constantino foram surpreendidos enquanto urdiam uma conjura contra o imperador, a qual foi revelada por Deus, isto em finais da década de 310. Interessante notarmos que entre os membros da própria família do imperador não havia total submissão e apoio a ele, o que acaba por dar sustentação à nossa hipótese de que Constantino temia sim algum tipo de conjuração, podendo desconfiar até mesmo de seu primogênito.

Assim, se completaria a rastro das pistas: Fausta sopra um temor de conspiração contra Constantino, na qual estariam em concurso os remanescentes orientais da facção liciniana, e Crispo, o poderoso César que se encontrava em finais de 326 na cidade de Póla, no Ilirico - atual Croácia. Esta conspiração colocava em risco a vida de Constantino e, por extensão, a vida de seus filhos gerados por Fausta.

Seguindo por esta linha de raciocínio, percebemos que Fausta acabou por construir seu próprio cadafalso. Uma vez descoberto que ela criou as falsas suspeitas sobre Crispo, Constantino não teve piedade. Neste caso, haveria duas possibilidades para a morte de Fausta. Em um primeiro cenário, Constantino ordena que Fausta entre no *caldarium* das termas do palácio imperial, no qual a água se encontrava superaquecida. A imperatriz foi

(14) Nesta lei, promulgada em 30 de outubro de 322, Constantino concedia um indulto a todos os presos, exceto aos condenados por práticas mágicas (*ueneficus*), homicídio (*homicidas*) e adultério (*adulteros*), por ocasião do nascimento do filho de Crispo e Helena.

(15) Outros registros acerca da morte de Fausta encontram-se recolhidos em Eutrópio X, 6; Pseudo-Aurélius Victor, *Epítome* XLI 11-12.

então submergida na água fervente, da qual foi retirada morta (Zósimo. *História Nova* II 29,3).<sup>15</sup> Em outra situação, Constantino sentencia Fausta à morte, um suicídio voluntário – como no caso de seu pai Maximiano Hercléio. Ela entrou no *caldarium* das termas do palácio imperial, a sala foi então aquecida para além da temperatura normal e ela acabou morrendo por sufocamento.

Seja como for, Fausta morreu com cerca de trinta anos, a primeira imperatriz a ostentar o título de *Máxima*, aquela que foi filha, irmã, esposa e mãe de imperadores, e que viveu a toda sua existência nos centros do poder do Império Romano.

#### 4. Limites e possibilidades

O trabalho do historiador encontra-se largamente limitado pelas contingências da documentação. Por conseguinte, impõe-se o respeito às lacunas, aos limites e às possibilidades que a documentação permite, não “criando fatos”, mas estabelecendo explicações hipotéticas capazes de urdir a trama do factível.

Uma biografia histórica, como nos fala Jacques Le Goff, “não é somente a coleção de tudo o que se pode e de tudo o que se deve saber sobre um personagem” (2002: 21). Acima de tudo, ela deve ser norteada por problemas que, apostos a uma documentação que cerceia a investigação, apontam caminhos e respostas. Nisto difere-se a biografia histórica do romance histórico-biográfico, pois o historiador tem, acima de tudo, o compromisso com o verossímil, com o possível dentro de determinado contexto histórico e figuração social. Nosso objetivo ao traçar a biografia histórica de Fausta foi apreender as possibilidades e os limites de se escrever a vida de um personagem que deixou

pouquíssimos registros e cuja morte está cercada de sinistros.

A biografia histórica exige um conhecimento profundo do contexto histórico-social, além de um horizonte documental que permita reconstruir as trajetórias e as práticas sociais dos biografados. No caso da Antiguidade, uma biografia histórica consistente não pode ser escrita se apenas for ancorada na documentação escrita. Por conseguinte, além de se aventurar por tal abordagem, é necessário ao historiador dialogar com outras disciplinas afins, em especial a Arqueologia, a Epigrafia e a Numismática.

Escrever a biografia completa de Fausta, entretanto, não nos é possível. Podemos, no máximo, levantar algumas hipóteses e, principalmente, estabelecer algumas conjecturas; só nos é possível analisar algumas situações-chave em que essa personagem surge como fundamental para o entendimento das ações de outros indivíduos.

Por outro lado, as possibilidades abertas por uma abordagem micro-analítica da biográfica de Fausta são profícuas e permitem um estudo aprofundado da figuração social da casa imperial tardo-antiga, o papel e a margem de manobra das princesas imperiais. Esse enfoque permitiu-nos, inclusive, uma análise aprofundada dos jogos de poder da corte constantiniana, o que não seria possível através de outros enfoques historiográficos. Além disso, o enfoque micro-analítico nos permitiu apresentar outra hipótese sobre a morte de Crispo e Fausta.

Neste balanço entre limites e possibilidades, acreditamos que a biografia histórica é, sim, uma forma de escrita da história, pois permite examinar práticas sociais estratégicas e figurações sociais, validando as hipóteses científicas desenvolvidas pelos historiadores.

SILVA, D.P. FLAVIA MAXIMA FAVSTA AVGVSTA: possibilities and limits of a historical biography. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 20: 277-292, 2010.

**Abstract:** In this article, we aim to analyze the limits and the possibilities of the historical biography for the Ancient History. This analysis type will be developed starting from the study of the Flavia Maxima Fausta Augusta biography, the Roman emperor Constantine I (306 - 337) wife. Our main objective is therefore to establish a relationship among individual, social figuration and social practices.

**Keywords:** Later Roman Empire – Historical biography – Constantine – Fausta.

### Biibliografia

#### Fontes literárias

##### ANONYMUS VALESIANUS

1939 *Excerpta Valesiana; Pars Prior: Origo Constantini Imperatoris*. New York: Harvard University Press (Loeb Classical Library).

##### AURÉLIUS VICTOR (Pseudo-)

1975 *Abrégé des Césars*. Trad. M. Festy. Paris: Les Belles Letres.

##### EUSÉBIO DE CESARÉRIA

2000 *História Eclesiástica*. Trad. Monjas Beneditinas do Mosteiro de Maria Mãe de Cristo. São Paulo: Paulus.

1993 *Vida de Constantino*. Trad. Martin Gurrachaga. Madrid: Editorial Gredos.

##### EUTROPIUS

1993 *Breviarium*. Trad. H.W. Bird. Liverpool: Liverpool University Press. *Imperatoris Theodosiani Codex*

2007 Disponível em: <<http://www.thelatinlibrary.com/theodosius.html>>; acessado em 5/12/2009.

##### JULIANO

1990 *Discursos*. Trad. J. García Blanco. Madrid: Editorial Gredos.

##### LACTANCE

1954 *De la mort des persécuteurs*. Trad. Jacques Moreau. Paris: Les Belles Letres.

##### OPTATUS OF MILEVIS

1917 *Against the Donatists*. Trad. Rev. O.R. Vassall-Phillips. London: Longmans Greens.

##### PANEGIRICOS LATINOS

1994 *In Praise of later Roman emperors: the Panegyrici Latini*. Trad. C.E.V. Nixon; B.S. Rodgers. Berkeley: University of California Press.

##### PHILOSTORGIUS

1959 *Histoire Éclésiastique*. In: Photios de Constantinople. *Bibliothèque*. Tome II. Trad. René Henry. Paris: Les Belles Lettres.

##### PHOTIOS DE CONSTANTINOPLÉ

1959 *Bibliothèque*. Tome I. Trad. René Henry. Paris: Les Belles Letres.

##### ZOSIMO.

1992 *Nueva Historia*. Trad. J.M. Candau Morón. Madrid: Editorial Gredos.

### Referências bibliográficas

##### BOURDIEU, P.

2007 *A ilusão biográfica*. In: *Razões práticas. Sobre a teoria da ação*. 8. ed. São Paulo: Papirus: 74-82.

##### BRAUDEL, F.

1986 *La Méditerranée et le Monde Méditerranéen*

*à l'Époque de Philippe II*. Paris: Armand Colin; 2 tomes.

##### BROWN, P.

1989 *Antiguidade Tardia*. In: Veyne, P. (Org.) *Do Império Romano ao ano mil*. São Paulo,

- Companhia das Letras: 225-300 (Ariès, Ph.; Duby, G. (Dir.) *História da Vida Privada*; I).
- BRUUN, P.M.  
1966 Constantine and Licinius (313-337). In: Sutherland, C.H.V.; Carson, R.A.G. (Eds.) *The Roman Imperial Coinage*. Vol. VII. London, Spink and Son.
- CHARTIER, R.  
1989 Le monde comme representation. *Annales Économies, Sociétés, Civilizations*, 44 (6): 1505-1520.
- CHAUNU, P.  
1959 *Séville et l'Atlantique*. Paris: Institut des Hautes Études de l'Amérique Latine.
- CHAUSSINARD-NOGARET, G.  
1993 Biográfica (História). In: Burguière, A. (Ed.) *Dicionário das Ciências Históricas*. Rio de Janeiro: Imago: 95-97.
- DE CERTEAU, M.  
1994 *A Invenção do Cotidiano; 1: artes de fazer*. 10. ed. Petrópolis: Vozes.  
2007 *A escrita da história*. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- DRAKE, H.A.  
2000 *Constantine and the bishops*. Baltimore & London: The Johns Hopkins University Press.
- ELIAS, N.  
1994 *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.  
2006 *Escritos e ensaios, Vol 1: Estado, processo, opinião pública*. Neiburg, F.; Waizbort, (Orgs.) Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- FEBVRE, L.  
1994 *Martinho Lutero; um destino*. Lisboa: Edições ASA.  
2009 *O problema da incredulidade no século XVI: a religião de Rabelais*. São Paulo: Companhia das Letras.
- GIBBON, E.  
1994 *The History of the Decline and the Fall the Roman Empire*. New York: Penguin.
- GUINZBURG, C.  
1987 *O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras.
- LE GOFF, J.  
2002 *São Luís*. 3. ed. Rio de Janeiro: Record.
- LEVI, G.  
1989 Les usages de la biographie. *Annales Économies, Sociétés, Civilizations*, 44 (6): 1325-1336.  
2000 *A herança imaterial: trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- MOSSÉ, C.  
1993 Histoire des Femmes et Sociétés Anciennes. *Annales Économies, Sociétés, Civilizations*, 48 (4): 999-1003.
- NASH, M.  
1982 Desde la invisibilidad a la presencia de la mujer en la Historia. In: *Nuevas perspectivas sobre la mujer*. Madrid: Universidad Autónoma: 19-37.
- POMEROY, S.  
1987 *Diosas, Rameras, Esposas y Esclavas*. Madrid: Akal.
- SILVA, D.P.  
2007 *Lactância contra a Tetrarquia (284-311)*. Rio de Janeiro: Instituto de Filosofia e Ciências Sociais; Universidade Federal do Rio de Janeiro (Monografia de bacharelado em História).  
2008 Memória e Legitimação: as tipologias monetárias dos divinos Cláudio Gótico, Constâncio Cloro e Maximiano Hercúleo (317-318). *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, 18: 279-286.
- SUTHERLAND, C.H.V.  
1967 From Diocletian's reform (AD 294) to the death of Maximinus (AD 313). In: Sutherland, C.H.V.; Carson, R.A.G. (Eds.) *The Roman Imperial Coinage*. Vol. VI. London: Spink and Son.

Recebido para publicação em 10 de junho de 2010.